

ESOPO, UM BARDO ESCRAVO

“A escola era num palheiro, usado pelo coronel Wheeler para estocar seu milho. Situava-se num terreno atrás de uma cerca, com coroas-de-cristo, próxima a uma fonte de águas cristalinas. Havia uma entrada onde, outrora, estivera uma porta; adiante, uma lareira maciça, porém caindo aos pedaços; grande aberturas, em meio aos mourões, serviam de janelas. Móveis, eram poucos. Um quadro negro estaqueado jazia num canto. Minha mesa era um conjunto de três tábuas, reforçadas em pontos críticos; minha cadeira, emprestada pela senhoria, tinha de retornar à mesma todas as noites. O assento para as crianças era algo que me abatia. Eu admirava o modelo da Nova Inglaterra, com pequenas carteiras e cadeiras, mas, que pena!, tinha de contentar-me com bancos toscos sem encostos nas costas e, algumas vezes, até sem pernas. Eles tinham a virtude de tornar um cochilo algo perigoso, até mesmo fatal, posto que o piso não fosse confiável.



Foi numa manhã muito quente de julho, quando a escola abriu”⁴.

Pois, quando se abriu a escola, talvez numa de suas primeiras aulas, o jovem professor surpreendeu-se com a indagação de um dos meninos, timidamente postado em meio aos quinze ou vinte que compunham naquele momento o corpo discente. Perguntou: “Professor, o lobo e o cordeiro, é uma história de brancos?” Surpreso com a nota dissonante que representava a pergunta, fora do contexto da aula, preferiu fazer que não ouviu e deu seguimento ao tema que tratava, deixando o tímido aluno frustrado e mais inseguro.

Talvez essa história tenha ocorrido noutra local, como o que descreve, também no alvorecer da liberdade dos negros americanos, Booker T. Washington, sobre o que viria a ser logo adiante o Instituto Tuskegee:

⁴ - Em *The Souls of Black Folk*, de W. E. B. Du Bois.

“Não perdi tempo em fazer a mudança da escola para a fazenda, onde ainda estavam de pé uma cabana usada antes como refeitório, uma velha cozinha, um estábulo e um velho galinheiro. Em poucos dias tínhamos esses locais em uso. O estábulo reparado passou a ser uma sala de recreio e mais recentemente o galinheiro assumiu a mesma finalidade⁵”.

O que ocorreu na cabeça do professor, todavia, foi a resistência que sentiu em dar curso à história como era passada nos livros que ele havia estudado. Tinha plena convicção de que as belas histórias, com um fundo moral, que se atribuíam ao francês de nome Jean de La Fontaine, foram concebidas por Esopo, que vivera em torno a 560 antes de Cristo.

Poucos eram os livros que pudera levar consigo na viagem que empreendera ao interior, onde agora lecionava na modesta escola. Mas havia sim material de história. Na fraca luz do candeeiro que iluminava o canto onde dormia, buscou encontrar registros da história antiga. Empreendeu o mesmo trabalho na madrugada seguinte, desde que os primeiros raios do sol permitiram a leitura iniciada na véspera.

Assim, ao registrar, na aula seguinte, a moral, segundo a qual atrás do comportamento lobo que buscou um argumento qualquer para impor sua vontade, havia o sentimento da prepotência, com o que ele e seus alunos, os pais desses e toda a comunidade que viviam, tinham que conviver.

Mas, se verdade que eram carneiros num mundo de lobos, tinha de encontrar formas de lutar contra aquele destino. Mesmo sabendo que pouco do que iria dizer seria plenamente compreendido por seus alunos, o jovem professor começou a ensinar: “Grandes pensadores e escritores, nomes extraordinários que eu vou pronunciar agora e que suas cabecinhas frescas vão guardá-los sem bem saber quem em verdade foram, devem sua obra a um homem negro e um dia escravo chamado Esopo. Ouçam esses nomes: Platão, Sócrates, Aristóteles, Cícero, Julio Cesar e Shakespeare. Todos esses e

⁵ - Em *Up from Slavery*, autobiografia de Booker Taliaferro Washington.

muitos outros, buscaram inspiração nas histórias de Esopo. E principalmente um francês de nome La Fontaine. Contam que certa feita, num mercado onde seria vendido, Esopo sentava-se com outros dois homens escravos como ele. Um era músico e o outro orador. Em face da qualificação dos dois, indagaram a Esopo o que ele sabia fazer, tendo ele respondido: “Nada”. Pela perplexidade que causou a resposta, Esopo acrescentou: “Um de meus companheiros diz que pode fazer “qualquer coisa” e o outro pode fazer “tudo”, sobra-me “nada”. O riso dos meninos que toldou um pouco a frase final do professor, dizendo ser aquela uma mostra da sapiência de um escravo, se constituía numa estudada aula de amor-próprio que fazia por inocular nos meninos que carregavam o estigma sempre presente de ser negro, ser pobre, haverem sido seus pais escravos. Mais tarde, quando uns poucos deles conseguissem chegar às faculdades e universidades negras, haveriam de colocar num patamar de superioridade aos líderes do pensamento que impregnaria os livros a serem compulsados, o vulto de um escravo como fora meu avô, pensaria um deles.

NO PÓS-GUERRA CIVIL

Passaram-se muitos meses. Talvez muitos anos. Um dia o professor escreveu em seu diário: “ Então, adiante, quando fui para Nashville vi o grande templo, erguido com essas canções, altaneiro, sobre a pálida cidade. Para mim o Jubilee Hall era, em si, formado pelas canções, e seus tijolos eram vermelhos pelo sangue e humilhação da corvéia”. Lecionava já na Universidade, quando falou sobre Crispus Attucks — um marinheiro negro, também escravo. Mas seu objetivo principal era falar a respeito de Aníbal, general e político cartaginês. Sobre Attucks, informou a seus alunos que esse havia se constituído no primeiro herói de guerra, dentre os afro-americanos. Morto pelas tropas inglesas em cinco de março de 1770, quando participava da sangrenta revolução que libertou parte da América do jugo britânico e fez surgir os Estados Unidos como nação independente. Sem desmerecer Attucks, o professor explicou que também esse constituía-se num caso à parte. Sua participação na Revolução Americana deveu-se mais às restrições que os ingleses impunham à navegação na colônia – assim que seus interesses

eram os mesmos dos brancos, então. Não obstante, ele era um escravo fugitivo. Não importava, portanto, quem viesse a vencer – ingleses ou americanos – sua situação continuaria a mesma. Entretanto Attucks não sobreviveu, tornou-se um dos mártires do movimento revolucionário. O professor estava tranqüilo, falando do mártir americano – mas queria de fato falar sobre Aníbal. Tremulava em seu interior a mesma chama que o acompanhava de há muito – o fulgor que iluminava a busca histórica de redescoberta da exponencial participação do negro na civilização.

“Vou falar de Aníbal” – prefaciou e prosseguiu contando que o general que vivera em Cartago, entre 247 e 183 antes de Cristo nascer, e que havia sido o maior líder e estrategista militar de todos os tempos. Explicou, Cartago havia sido uma potência marítima, porém naquele tempo já em declínio. Procurou dar ênfase, o professor, para a informação seguinte: “ Os cartagineses descendiam dos fenícios, que se constituíram grandes mercadores negros: negociavam com os povos à margem do mar Mediterrâneo, as conhecidas ilhas sicilianas e, mesmo, atingiam a Índia” Alongou-se em comentar a saga de Aníbal, que sucedeu a seu pai Amilcar, tornando-se o governante geral da península. Com uma força armada composta de oitenta mil infantes, doze mil cavalarianos, e quarenta elefantes de guerra, conquistou quase todo o território espanhol e francês, bem como a Itália quase por inteiro, ficando fora apenas Roma. Esta foi conquistada de forma surpreendente, narrou o professor ressaltando alguns detalhes. Com sua tropa de elefantes de guerra, Aníbal cruzou os Alpes, surpreendendo e derrotando os inimigos que encontrava. Quase em Roma, teve de enfrentar o general Cipião que foi surpreendido, também, pelos elefantes e, em seguida, por legiões de bem armados e treinados soldados de infantaria. “O general negro”— assinalou o professor — “enfrentou ainda os nobres romanos Varrão e Paulo Emílio, noutra importante batalha. Era 216 antes de Cristo; Aníbal tinha 30 anos de idade. Com apenas cinqüenta mil homens, contra noventa mil dos romanos, sabedor de que não poderia vencer usando sua força principal, dispôs a parte mais fraca de seu exército no centro da batalha, em oposição à consolidadas táticas de guerra. Usando seus soldados mais experientes e a cavalaria em ambas as alas, os romanos os atacaram com todo o poderio no centro, como Aníbal havia previsto. Assim,

quando aqueles pensaram haver liquidado com as forças do cartaginês, esse atacou então pelos flancos, liquidando com cerca de setenta mil romanos, incluindo-se entre eles o cônsul Paulo Emílio e oitenta senadores”.

Foi quando um dos alunos lembrou o papel de destaque que teve na Batalha de Bunker Hill, Peter Salem, ex-escravo de Framingham que matou o major John Pitcairn, subcomandante dos Fuzileiros Navais Ingleses.

O professor pensou em responder-lhe dizendo que imensa era a galeria dos heróis negros americanos até aquele dia, e que a conhecia muito bem. Mas seu objetivo era outro: buscava a edificação da mitologia negra, que os brancos insistiam em negá-la como existente, chegando a travestir de arianos grupos inquestionavelmente negros. Que o passado do negro americano não regredia apenas até a senzala, tampouco à sua chegada às terras americanas. Iniciara-se, sim, com o surgimento da espécie humana, no continente africano. Todavia, sentiu que lançara mais uma pedra no alicerce da construção que ele e, então – eram os primeiros anos do novo século vinte – um pequeno grupo de negros americanos letrados se empenhavam.



"Licença" cinematográfica Mádi – o Messias.

Nos anos 1960 o cinema internacional produziu um grandioso filme – *Khartoum* – para contar os eventos que culminaram com a morte do general Inglês Charles George Gordon, na defesa de Cartum, que escapava ao domínio inglês, para cair nas mãos do líder religioso sudanês, Mohammed Ahmed – que se havia proclamado o

De qualidade plástica incontestada, com licenças literárias que afrontam os fatos – como Laurence Olivier, famoso astro britânico, pintado de preto para desempenhar o Mádi, e o encontro desse com Gordon – o filme dá mais importância a Gordon, o derrotado. Ele fez jus ao título honorífico pachá, pois, quando governador-geral do Sudão, fez-se respeitado pela vitoriosa erradicação do tráfico de escravos sudaneses. No filme, viveu-o o americano Charlton Heston.

A abertura do filme contempla uma narração, sobre imagens do Egito, que bem pode prefaciar a história a seguir contada, sobre Mohammed Ahmed. Do filme:

Ali sempre esteve o Nilo. Muito antes do Cairo; antes das tumbas dos reis – ele, a razão de tudo. É um tanto complicado inferir de quão distante fluem suas águas: elas são as chuvas da Abissínia; as águas escorridas dos lagos da África Central, marchando milhares de quilômetros para tornar verdejante o Egito.

O Nilo tem suas reminiscências. A história de Cartum é recente. Distante cerca de um século: ontem, nesta parte do mundo.

Mas tão distante quanto possa se recuar, antigas recordações do Nilo têm várias coisas em comum. Por exemplo: há sempre Deus, ou se preferir, deuses. Parece impossível viver ao lado desse rio e não se envolver com visões de eternidade. E há, também, o mistério. Inexplicável. Surgem indagações que ninguém as pode responder.

E algo a mais: Por que tudo é tão grandioso, gigantesco, fora de medida. Vaidade? Talvez. Ou visões. Vaidade sempre se misturou com visões. Assim como esta parte da história.

Mas é o Nilo que se mantém como o fato original.

O Nilo e, é claro, o Deserto.

Suba o Nilo, deixe o Egito para trás e suas terras verdes. Adentre o Sudão. Milhões de quilômetros quadrados de deserto e agreste.

Foi aqui. No meio do nada africano que um homem do Nilo, um homem de visão e mistério e vaidade ergueu-se, nos anos do século mil e oitocentos, para desafiar, primeiro o Egito e depois o mundo. Chamou-se de Mádi – o Prometido. Arregimentou à sua retaguarda as tribos do Sudão e proclamou uma Guerra Santa.

O Egito contratou um exército de dez mil homens e um soldado profissional inglês para comandá-lo, e marcharam mais de trezentos quilômetros, deixando Cartum, deserto adentro para destruir o Mádi.

Nossa história teria tido um rumo diverso se o coronel Hicks não houvesse se esquecido – em verdade, se ele algum dia soube – do que o Sudão mais tem: a imensidão.

O Mádi deixou o coronel adentrar o deserto mais e mais... e mais...

Mohammed Ahmed – O Mádi ***vencedor do famoso*** ***general inglês Gordon***⁶

O mais venerado dentre os muçulmanos em tempos modernos é, sem dúvidas, Mohammed Ahmed, chamado de o Mádi – o Messias do Sudão. Seus seguidores tinham-no em tal grau de veneração que disputavam a água em que se havia banhado e rolavam no chão por onde passara, considerando-os sagrados.



E merecia. Afinal, o Mádi os havia livrado de sessenta anos de escravidão e violenta taxaço nas mãos de egípcios e ingleses. Em campanhas seguidas, foi derrotando as tropas de ingleses e egípcios, combinadas, o que na visão de seu povo se constituíam em milagres de Deus. Como Maomé, o antigo, Mádi começou sua vida de forma muito modesta. Nasceu em 1848, em Khanag, no Sudão – filho de um pobre carpinteiro. Foi servir a um comerciante francês, trabalhando em sua casa como menino faz tudo. Com memória prodigiosa, podia, já aos 12 anos, repetir capítulos inteiros do Corão. Enquanto fazia os trabalhos de limpeza na casa do patrão ou lustrando as botas desse, tinha sempre nas mãos um exemplar do livro sagrado. Sentindo, todavia, que o trabalho doméstico atrapalhava seu desenvolvimento religioso, abandonou o emprego, juntando-se a dois irmãos seus, tão pobres quanto ele, mas que podiam alimentá-lo enquanto se dedicava de todo ao estudo da religião numa madraça local. Era, aí, o mais brilhante dos alunos. Todavia, seu zelo e sinceridade colocaram-no em maus lençóis. Começou a perceber que, enquanto a maioria de seu povo vivia na miséria, uns poucos

⁶ Em *World's Great Men of Color*”, de J. A. Rogers, www.amazon.com/Worlds-Great-Men-Color-Historical/dp/0684815818/ref=pd_bbs_sr_1/002-3474432-2031213?ie=UTF8&s=books&qid=1184290754&sr=8-1

desfrutavam de conforto e riqueza. Seu professor, Mohammed Sherif deu uma grande festa, comemorando a circuncisão de seu filho. Ele estava presente, como convidado. Então, recusou-se a tocar sequer um bocado da comida e criticou o anfitrião, em frente a seus convivas, clamando que era vergonhoso ver pessoas se banquetando enquanto outros passavam fome. As pessoas ficaram alarmadas com a audácia daquele João-ninguém; Mohammed foi posto para rua da casa do professor. O incidente marcou o jovem naquela comunidade e foi com grande esforço que conseguiram matriculá-lo em outra escola. Mas ocorreu outro efeito: tornou-se um herói entre os pobres. O fato de haver repreendido os ricos em seu próprio ambiente excitou-os sobremaneira. Todavia, mesmo antes desse incidente sua popularidade já se havia espalhado, especialmente entre as mulheres. Era o tipo cooperativo e gentil – ajudava-as a carregar aos pesados baldes com água que carregavam. Em pouco tempo, espalhava-se a versão de que ele era o há muito esperado Messias, que apareceria no ano 1300 da fé islâmica – 1881 da Era Cristã, que se aproximava. Mais respeitado ficou à medida que souberam ser seu nome Mohammed (Maomé), como o profeta, e que os nomes de seus pais eram os mesmos dos genitores do profeta – Abdulah e Eminah.

Alarmados com a crescente popularidade do Mádi e mostras de descontentamento das pessoas, tentaram prendê-lo. Conseguiu, entretanto, escapar com alguns seguidores; homiziaram-se numa ilha do Rio Nilo, 380 quilômetros adiante.

A ilha passou a receber peregrinos de todas as partes do Sudão, que após ouvirem suas fervorosas preces saíam com mais certeza de que, sim, aquele era o Mádi – o Messias, que os iria libertar de todos os “*turcos*”, como chamavam os seus opressores, independentemente de nacionalidade, raça ou religião.

Assim foi até que o ano 1300 chegou. Então, na noite do ano novo, mandou que mensageiros partissem Sudão adentro, espalhando que ele era o Prometido. Clamando para que todos se purifiquem e aguardem o momento da revelação.

As autoridades, então, decidiram quem havia chegado o momento de agir. A decisão foi de ao invés de tentar prendê-lo, fazê-lo aceitar um convite do governador geral, pachá Raouf, em termos muito polidos, para que viesse a Cartum, a capital, a fim de provar seus

conhecimentos do Corão a uma banca de sábios e assim provar que era, realmente, o Prometido. Se conseguisse provar isso, seria a partir de então reverenciado como tal.

Vislumbrando a armadilha, devolveu o convite e mandou dizer: “Pela graça de Deus e de seu Profeta Sagrado, sou o senhor do Sudão. Não necessito ir a Cartum para provar isto”.

Assim, pachá Raouf ofereceu uma grande soma de dinheiro para quem o trouxesse morto ou vivo. Mádi deu como resposta a convocação de um *jihad* – guerra sagrada, cujo butim seria repartido, ficando quatro quintos com os seus seguidores.

O pachá organizou duas companhias separadas para a captura de Mádi. Quando os soldados chegaram às proximidades da ilha onde ele se encontrava, começaram a brigar entre si, a fim de o vencedor ser o primeiro a capturar Mádi e assim receber o prêmio ofertado pelo pachá. Mádi esperou que ficassem os dois grupamentos enfraquecidos o bastante para então atacar o que sobrara.

O evento foi considerado como milagroso. Os inimigos que haviam vindo para matar o Mádi voltaram-se contra si mesmos. “Sim, o Messias havia chegado!” O povo seguia-o cada vez em maior número, e armas deixadas pelos derrotados eram trazidas para fortificar seu exército. Novamente, o Egito destacou mais contingentes para reprimir o Mádi – todavia, a derrota os abateu. A fama de milagroso se expandia, pois de que outra forma uma horda de maltrapilhos e mal armados podia enfrentar um exército regular como o egípcio e, assim mesmo, abatê-lo? Os mensageiros do Mádi espalharam que Alá havia enviado anjos invisíveis para combater ao lado do Prometido e que sempre seria assim, desde de que as batalhas fossem para servir aos desígnios de Alá. Das planícies, desertos, florestas e montanhas os homens se apressavam em seguir a bandeira preta do Mádi – milhares apareciam de Salem, Baggara, Risega, Homer, Dinka, Bongo, Madi, Bari. Vinham montados em cavalos, armados com rifles e lanças feitas artesanalmente. Alguns dentre os mais pobres vestiam apenas esfarrapadas tangas. Mas eram todos fanaticamente bravos e tinham apenas um objetivo: liberdade ou o paraíso.

Decepcionados, os egípcios chamaram de volta pachá Raouf e o substituíram por um novo governador-geral com um exército mais poderoso. Porém, batalha após batalha

as hordas intoxicadas com a visão do paraíso aniquilavam todos que a elas se antepunham. O Mádi em pessoa, alto, majestoso, como um deus talhado em bronze negro, vestido em tremulante branco, montando esplêndida cavalgadura árabe, também branca – liderava-os todos.

As vitórias continuaram. Em Senaar, de 6000 egípcios apenas 20 escaparam com vida; em Djebel-Gadir, em junho de 1882, dois corpos inteiros de exército foram batidos; em Seriban, em julho do mesmo ano, de um exército de 6100 homens, apenas 12 escaparam. Em outubro, outra derrota foi infligida a uma força de 10.000 homens.

Forte o bastante, agora, para afrontar o inimigo em seu reduto, atacou a cidade de El Obeid, onde sofreu momentânea rejeição, mas logo após conquistou-a com grande morticínio e pilhagem. Seus seguidores, enlouquecidos por anos de crueldade e injustiça do mais alto nível de fanatismo religioso, mostravam-se impiedosos com os inimigos.

O próximo alvo do Mádi seria a cidade de Cartum, de onde, um dia, havia fugido. Capital do Sudão, Cartum era rica. Era o centro que atraía as caravanas que partiam do interior e de locais distantes como à Etiópia. O tráfico de escravos também era gerador de muita riqueza aí.

A Inglaterra, como dominadora do Egito, mostrava-se agora alarmada. O Mádi dava um exemplo que poderia vir a ser seguido por toda a África. Despachou, então, um exército de 10.000 homens, armados com o que havia de mais moderno em material bélico, sob o comando de Sir William Hicks, veterano de guerras na Índia, para atacar o Mádi.

Chegando ao Egito em dezembro de 1882, Hicks cruzou o Canal de Suez, desembarcando com sua tropa em Suakin, antigo porto do tráfico escravista, para atacar o Mádi. Atravessando o deserto da Núbia, após terríveis dificuldades, como o calor e a sede, conseguiu chegar a Berber. Daí subiu o Nilo, desafiando tribos hostis; e foi adiante. Seu alvo era Cartum.

O Mádi que, nesse ínterim, havia esmagado os egípcios em Abu Ahmed e El Dheheb, aumentando assim expressivamente seu prestígio, ao tomar conhecimento da aproximação de Hicks, dividiu suas tropas em duas frentes. Uma parte marchou para confrontar-se com Hicks; a restante permaneceu na região de Cartum.

Hicks chegou primeiro a Cartum. Deixou cerca de 3000 homens para protegê-la. Partiu com o restante, a fim de atacar o Mádi. Esse, porém, recuou para El Obeid, com Hicks no seu encalço. Quando alcançou essa cidade, Mádi havia partido em direção ao deserto. Hicks foi atrás. Teve uma surpresa desagradável: os poços de água haviam sido todos envenenados. Restava-lhe o deserto sem água para homens e animais. No terceiro dia, quando as forças de Hicks estavam combalidas pela sede, um espião do Mádi que aí se havia infiltrado, conseguiu fazer o general inglês cair numa armadilha.

Apesar de fracos, os soldados de Hicks marcharam com garbo por vários dias deserto adentro. Então, em três de novembro de 1883, quando chegaram a um ponto determinado, foram atacados pelas tropas do Mádi, e completamente aniquilados. Apenas um soldado branco escapou. Hicks foi encontrado morto sob um monte de cadáveres. Aquele era um dia sombrio para a Inglaterra.

As forças que o Mádi havia enviado para Suakin haviam também recolhido vitórias. Sob a chefia de seu mais hábil comandante, o famoso general Osman Digna (tido como um mulato francês de nome Georges Nisbet) derrotou o general inglês, Sir Samuel Baker. Osman Digna então marchou para atacar a própria Suakin tendo sido escorraçado pelo general inglês Graham.

Outros eventos notáveis do Mádi continuaram a se suceder. Conquistou Berber, Dongola, Darfur e outras ricas províncias equatoriais.

Dando-se conta de que tinha um inimigo de alto nível, a Inglaterra optou por mandar seu mais destacado comandante, o general Charles George Gordon, conhecido como “Gordon Chinês”, por haver servido com grande sucesso na China. Em comum com Mádi, era também um crente. Só que à fé cristã. Chegando a Cartum, Gordon encontrou como desesperadora a situação no Sudão. Percebendo que demandaria imensa força e muitos recursos financeiros para conquistá-lo, optou por seguir a via diplomática. Havia apenas um homem em toda a África capaz de lidar, como desejava Gordon: O pachá Zobeir, um mulato aventureiro, descendente do califado de Abássida, que por seu turno, eram descendentes da família de Maomé. Zobeir que chegara ao Sudão originariamente como mercador de escravos, tornara-se um renomado comerciante, conseguira ser aceito entre

os locais. Convidado sob pretexto qualquer a ir ao Egito, foi jogado numa prisão. Gordon atuou junto ao governo em Londres para que Zobeir fosse aceito como negociador, porém, o primeiro-ministro inglês, Sir Gladstone, sensível à opinião pública que repudiava um personagem que outrora fora um mercador de escravos, não deixou a Gordon outra opção senão de ele mesmo agir como mediador. Iria negociar com o Mádi. E ofertou-lhe a posição de governador-geral de uma província. O Mádi o ridicularizou: Por que uma província se hoje, com exceção de uma ou duas, todo o Sudão lhe era subordinado? E mais, na resposta, sugeriu que Gordon se convertesse ao islamismo.

Vendo que tudo estava perdido, Gordon fez com que as mulheres e crianças saíssem da cidade. Logo após, as tropas do Mádi chegaram e sitiaram por completo Cartum.

Constituiu-se num dos mais longos sítios da história moderna. Meses se passavam enquanto o Parlamento da Inglaterra debatia a questão. O terreno era perigoso e a Inglaterra temia perder outro exército. Finalmente, uma expedição composta de 25.000 homens foi enviada sob o comando do famoso general lorde Wolseley, cuja vitória sobre os egípcios em Tel-el-Kebir, em 1882, resultou na colonização do Egito pela Inglaterra.

Wolseley marchou então Nilo acima, usando 800 barcos, tentando alcançar Gordon antes que fosse tarde demais. Em Abu Klea, marchou contra forças de Mádi, venceu-as e apoderou-se de alguns poços – mas ao preço de pesadas baixas. Ainda, alguns dias após, seu segundo em comando, general Steward, foi derrotado e morto.

Semanas adiante, uma parte de sua expedição chegou a Omdurman, a poucos quilômetros de Cartum, não antes de seus barcos haverem sido violentamente atacados pelos canhões Krupp dos muçulmanos. A vitória de Wolseley foi vazia – dois dias antes, 25 de janeiro de 1885, Cartum caíra em meio a terrível carnificina.

Após um cerco de 321 dias, 25.000 homens de Mádi lançaram-se sobre os baluartes da cidade sitiada. Quando chegaram ao palácio do governador-geral, Gordon caminhou calmamente para o exterior. Quando chegou à escadaria, um gigante *kordofan* negro arremessou uma lança, fazendo-o tombar. Então um oficial chamado Nisser decapitou-o com sua espada. No corpo caído, fanáticos espetavam suas lanças em ódio extravasado.

Penduraram, enfim, o tronco numa árvore, para que todos pudessem vê-lo. A cabeça foi enviada para o Mádi, que, contam, admirava Gordon e esperava convertê-lo ao islamismo.

Vendo que tudo estava perdido, Wolseley recuou para o Cairo com o que sobrara de seu exército.

A derrocada de Cartum e a morte trágica de Gordon se constituíram em severos revezes para o orgulho inglês. Para piorar, outra expedição composta por 11.000 ingleses e egípcios foi derrotada por Osman Digna, com grandes baixas, em Kassala.

O lorde Wolseley, movido pela vingança, apelou por outra oportunidade para atacar o Mádi. Conseguiu. Retornou no mesmo ano com 13.000 soldados brancos, mas foi derrotado. A Inglaterra saiu do Sudão, mantendo-se apenas no porto de Suakin, que podia ser defendido por vasos de guerra.

O Mádi agora era o senhor supremo de um rico império com mais de um 2,5 mil quilômetros de comprimento e mais de 1,2 mil quilômetros de largura. E manteve a palavra empenhada para com seu povo. Não apenas os libertou, mas também lhes deu uma melhor qualidade de vida. Grãos eram estocados numa casa comunitária – Beit-el-Mal – e todos podiam buscar alimentos ali. Os tesouros adquiridos estocados para o bem de todos. Juntavam-se moedas inglesas e dólares *Maria Theresa* (riyal). Não havia nas ruas pedintes.

Entusiasmado por suas conquistas, o Mádi pretendia seguir adiante. Seria outro Maomé. Conquistaria todas as regiões adjacentes; vergaria a parte cristã da Etiópia; marcharia em direção ao Egito e o conquistaria como, havia milhares de anos, Piankhy, rei da Núbia, fizera; converteria o mundo ao islamismo; enfim, estabeleceria a paz universal em Meca por um milênio.

Sua formidável carreira, todavia, chegara ao fim. Seis meses após a morte de Gordon foi infectado pela febre tifóide. Em 22 de junho de 1885, no sexto dia de sua doença, tombou. Buscando derradeiras forças, evocou o credo islâmico: “*La illaha illallah Mohammed Rasul Allah*”⁷ e morreu. Tinha, apenas, 37 anos de idade.

⁷ - *Não existe outro Deus, senão Alá*

Seus seguidores sofreram imensamente. Prantearam-no por meses a fio e ergueram uma impressionante tumba no local mesmo onde morrera. Tornou-se um famoso relicário que por muito tempo suplantou Meca.